

A MULHER E O AMBIENTE POLÍTICO

Carina Aparecida da Silva Miranda¹, Erika Faria Martins², Valdevino Krom³

1 - Rua Recife, nº 42 Vila Terezinha – Cep 12290-420 - São José dos Campos – SP – email: carinamiranda10@hotmail.com

2 - Praça da República, nº 37 Monte Castelo – Cep 12215-320 - São José dos Campos – SP – email: emartins@latapack.com.br.

3 – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento – IP&D, Universidade do Vale do Paraíba
Av. Shishima Hifumi, 2911 – Urbanova, 12244-000 – São José dos Campos/SP – valkrom@univap.br.

Palavras-chave: Inserção feminina, Ambiente
Área do Conhecimento: Ciências Sociais Aplicadas

RESUMO

Este trabalho representa a preocupação de descrever e interpretar a relação entre mulher e ambiente político. A pesquisa direcionou-se para a compreensão da inserção feminina num ambiente social historicamente masculino. Ressaltamos as qualidades femininas e o grande crescimento feminino nos cargos de liderança. O reconhecido perfil feminino que engloba a intuição, a criatividade e o mais importante: o sentimentalismo, se destaca diante dos desafios e novidades da política atual. Baseado nesta nova ótica, procuramos compreender a atuação feminina dentro deste novo campo de trabalho e atuação. Temos como referencial a realidade concreta da condição da mulher nesse espaço político. E apesar da reduzida representação feminina brasileira frente a mundial, a realidade apresenta indícios de que o número de mulheres inseridas na política está aumentando e juntamente com este fato a consciência global de que a mulher possui valor e qualidades indispensáveis frente a qualquer posto de trabalho.

INTRODUÇÃO

Existe uma grande predominância do gênero masculino na política, refletindo a introdução do feminismo neste espaço, compreendemos as dificuldades enfrentadas e impostas pela situação atual, sem prender-nos a contextos e épocas e muito menos ao que diz respeito ao setor público e privado.

O campo político não é considerado masculino porque existe uma majoritária presença dos homens, mas porque que traz consigo uma simbologia atrelada aos valores identificados aos referenciais masculinos. O ato de decidir e de comandar corresponde a atributos imputados ao homem revelando assim uma certa dificuldade de estabelecer uma relação de equidade entre homem e mulher no espaço político.

Este trabalho busca demonstrar a difícil manobra feminina para participar das decisões do legislativo de nosso país.

Faremos uma comparação entre as últimas eleições em diversos países e analisaremos a percentagem da inserção feminina mundial em comparação a brasileira.

Será portanto fácil evidenciar a baixa representação feminina frente aos outros povos da Terra. Nossa preocupação é entender a história brasileira e evidenciar a crescente participação da mulher na política.

Com o objetivo de contribuir para uma melhor compreensão da história da política feminina no país. E salientar o crescimento da inserção feminina na política.

IDEOLOGIA PRECONCEITUOSA MASCULINA

Há uma certa naturalização das posições masculinas e femininas no espaço político formal, delimitadas por uma constituição ideológica onde o homem se torna indiscutivelmente o agente tomador de decisão. Numa obra de Woolf destacamos uma importante contribuição sobre a subordinação da mulher ao poder simbólico masculino:

“ É como o romance tem essa correspondência com a vida real, seus valores são, numa certa medida, os da vida real. Mas é obvio que os valores das mulheres diferem, com freqüência, dos que foram feitos pelo outro sexo; isso acontece, naturalmente. E, no entanto, são os valores masculinos que prevalecem. Falando cruamente, o futebol e o esporte são ‘importantes’; o culto da moda e a compra de roupas são ‘insignificantes’. E esses valores são inevitavelmente transferidos da vida para a ficção. Esse é um livro importante, pressupõe o crítico, porque lida com a guerra. Esse é um livro insignificante, pois lida com os sentimentos da mulheres na sala de visitas.” (Woolf, 1985)

Fica claro neste texto de Woolf a visão preconceituosa da mulher em 1985, vale a pena frisar que não faz muito tempo que estas linhas foram escritas.

A INSERÇÃO FEMININA NA POLÍTICA

Vamos fazer então uma comparação em escala mundial, onde nossas mulheres apresentam um dos mais baixos índices de participação no campo político. Vejamos alguns exemplos em nível de parlamento nacional.

Tabela 1 – Participação feminina na Câmara dos Deputados: exemplo de alguns países.

País	Eleições	Cadeiras	Mulheres	%
Suécia	Set-94	349	141	40.4%
Noruega	Set-93	165	65	39.4%
Dinamarca	Set-94	179	59	33.0%
Áustria	nov-94	183	43	23.5%
Argentina	mai-95	257	56	21.8%
Canadá	out-93	295	53	18.0%
Uganda	mar-94	270	47	17.4%
Espanha	jun-93	350	56	16.0%
Itália	mar-94	630	95	15.1%
México	ago-94	500	71	14.2%

Bulgária	dez-94	240	32	13.3%
Indonésia	jun-92	500	61	12.2%
E.U.A	nov-94	440	48	10.9%
Colômbia	mar-94	166	18	10.8%
Austrália	mar-93	147	14	9.5%
Índia	jun-91	528	42	8.5%
Chile	dez-93	120	9	7.5%
Brasil	out-94	513	36	7.0%
França	mar-93	577	37	6.4%
Zaire	abr-94	738	37	5.0%
Equador	mai-94	67	3	4.5%
Mongólia	jun-92	76	3	3.9%

Fonte: Inter – Parliamentary Union – 1995

A tabela acima comprova que os países mais desenvolvidos como os nórdicos, por exemplo, apresentam um índice consideravelmente elevado no tocante a presença feminina nos parlamentos em comparação com os demais. Na realidade não é nossa intenção fazer essas comparações, o nosso objetivo é revelar a representatividade política feminina no Brasil, que é inferior.

Não podemos ainda deixar de considerar que, especificamente no plano da participação política, a tendência ao crescimento da representação feminina de poder é bem visível no Brasil. A análise de alguns dados referentes aos últimos 50 anos revela tal crescimento.

Tendenciosamente verificamos que as mulheres estão participando mais das eleições e conquistando seus devidos lugares também no Senado, isso valoriza e mantém brioso o caráter feminino e mantém a dignidade feminina frente ao universo regido e comandado por homens.

As percentagens desta conquista ainda é muito baixa, mas o fato de estar em crescimento, já gera um encorajamento e uma consciência feminina mais forte.

Tabela 2 – Participação feminina no Congresso Nacional – Senado Federal – Brasil.

Eleições	Cadeiras	Homens	Mulheres	%
dez-45	63	63	0	0.0%
out-50	63	63	0	0.0%
out-54	63	63	0	0.0%
out-58	63	63	0	0.0%
nov-62	66	66	0	0.0%
nov-66	66	66	0	0.0%
nov-70	66	66	0	0.0%

nov-74	66	66	0	0.0%
set-78	67	66	1	1.5%
nov-82	69	69	0	0.0%
nov-86	71	71	0	0.0%
out-90	81	79	2	2.5%
out-94	81	75	6	7.4%

Fonte: Inter - Parliamentary Union – 1995

Analisando estes dados verificamos que o Senado Federal brasileiro é um espaço de atuação masculino. Há uma enorme ausência da presença feminina até o pleito de 1978. Nota-se a dificuldade do acesso da mulher ao poder e mesmo alcançando o Senado, a representação feminina ainda é carente no Brasil.

A partir da década de 90, há uma inserção feminina neste campo político de forma mais efetiva. É destacável que apesar de ser minoritária esta presença apresenta um relativo avanço em comparação às eleições anteriores. O resultado das eleições de 1994, por exemplo, apresenta o percentual de 7,4% mulheres no Senado, o que significa um crescimento aproximado de 200% em relação a eleição anterior de 1990.

É importante ressaltarmos também os dados referentes a presença feminina na Câmara dos Deputados.

Tabela 3 – Participação Feminina no Congresso Nacional – Câmara dos Deputados – Brasil

Eleições	Cadeiras	Homens	Mulheres	%
dez-45	286	286	0	0.0%
out-50	304	303	1	0.3%
out-54	321	320	1	0.3%
out-58	326	323	3	0.9%
nov-62	409	407	2	0.5%
nov-66	409	404	5	1.2%
nov-70	310	309	1	0.3%
nov-74	364	363	1	0.3%
set-78	420	416	4	1.0%
nov-82	479	472	7	1.5%
nov-86	487	461	26	5.3%
out-90	503	473	28	5.6%
out-94	513	477	36	7.0%

Fonte : Inter - Parliamentary Union - 1995

Comparando as situações anteriores, a tabela 3 aponta para a maior presença feminina na Câmara dos deputados em relação à Tabela anterior -

Senado Federal. A mulher ocupa o legislativo federal desde 1950, mas deve se acrescentar que sua presença na Câmara dos deputados se deu em períodos anteriores aos demonstrados pela tabela acima. Em 1934 e 1936 foram eleitos as deputadas federais Carlota Pereira de Queiroz e Bertha Luz, ambos exercendo este cargo até 1937.

A penetração da mulher neste campo vem progredindo desde o início dos anos 80, porém a lentidão na qual estão assentados as alterações deste contexto retrata que a participação feminina é historicamente desigual.

Existe uma observação interessante de Marta Suplicy, que observa este fenômeno.

“...A Constituição brasileira expressa a igualdade entre homens e mulheres como sua primeira premissa. Não é novidade para ninguém que essa igualdade legal ainda não é real em todos os âmbitos da sociedade. No poder político e nos núcleos decisórios é onde se percebem as mudanças mais lentas em relação as desigualdades homem-mulher. Segundo dados da ONU, mantendo-se o ritmo atual de crescimento de 1 a 2%, a mulher em cargos de direção, o mundo só terá paridade de representação homem-mulher daqui a 400 anos.” (Marta Suplicy, 1995)

A ausência ou marginalidade das mulheres nas situações formais de poder, fora de dúvida, constitui um fato que nos chama a atenção e que merece ser analisado à luz de pesquisas compreensivas.

LUTA CONTRA DISCRIMINAÇÃO

A necessidade da sociedade ser representada através dos meios políticos vem ao encontro da possibilidade de mulheres lutarem por uma condição de igualdade entre gêneros masculino e feminino, evitando assim a discriminação.

Essa luta não é apenas pela inserção feminina, ela consiste no esforço de eliminar as diferenças e preconceitos de uma sociedade masculinizada ao longo da história. Se formos analisar por outro prisma, a mulher tem desempenhado um papel significativo como líder, e fora do contexto político tem encontrado o reconhecimento profissional.

As empresas hoje contam com a força feminina, a participação das mulheres nos cargos de liderança tem crescido nos últimos anos. Em relação principalmente a remuneração, foi feito uma pesquisa pelo grupo Catho em dezembro de 2002 com 9.174 executivos que revelaram que a diferença entre a remuneração de executivos homens e mulheres diminuiu. Em média, as mulheres ganham 10,3% menos que os homens, no mesmo cargo em empresas de mesmo porte.

É possível ainda concluir que as remunerações dos homens e mulheres executivos estão caminhando rumo a paridade. O grupo Cato fez uma análise da mulher executiva versus homem executivo e identificou que ao longo da carreira, a mulher ganha apenas 3% menos que o homem. A razão é que a mulher é promovida, em média com idade menor que o homem. Num exemplo, uma das análises mostra que, enquanto um homem permanece como supervisor, uma mulher já conseguiu promoção para gerente com três anos a menos de idade. A mulher está avançando de maneira significativa no mercado de trabalho, ela já representa 13,8% dos executivos de primeira linha e 19,7% dos diretores. Conforme a tabela a seguir, veremos o avanço da participação feminina no mercado de trabalho.

Tabela 4 – Representação feminina no mercado de trabalho.

Cargo	Mulheres			
	1996/1997	1998/1999	1999/2000	2000/2001
Presidente	10.3%	12.0%	13.0%	13.8%
V.Presidente	10.8%	12.9%	18.6%	19.7%
Diretor	11.6%	16.0%	18.6%	19.7%
Gerente	15.6%	17.3%	18.8%	19.7%
Supervisor	20.8%	22.9%	25.2%	26.7%
Chefe	24.7%	24.5%	28.0%	29.5%
Encarregado	36.7%	36.4%	40.4%	41.6%
Coordenador	36.9%	34.6%	39.6%	40.6%

Fonte: Grupo Catho – 12/2002

QUALIDADES FEMININAS

Thomas Cose, fundador do grupo Catho, evidencia uma qualidade feminina que nas empresas faz grande diferença em um cargo de liderança: o sentimentalismo. Nesse segmento a mulher tem apresentado um quadro mais favorável de crescimento corporativo do que na política formal. É certo que com esse potencial feminino nas empresas o acesso à representação política não estaria resolvido em sua totalidade, já que os problemas da sua participação no espaço político, representa considerável profundidade e abrangência.

Além do sentimentalismo que significa um importante diferencial feminino, a intuição, a versatilidade e a criatividade foram outras qualidades destacadas em recente pesquisa do Instituto da qualidade consultoria empresarial Júlio Lobos.

O interessante desta pesquisa é que os homens estão começando a reconhecer os potenciais femininos. E cada vez mais as mulheres são exemplos de administrações bem sucedidas.

O tema da participação feminina no sistema de decisão adquiriu importância na medida em que o Estado e as instâncias do poder não estão separadas das relações sociais e do corpo social. Estamos distantes mais de dois séculos da Revolução Francesa e um de seus preceitos adotados, ou seja, o da igualdade, ainda hoje se impõe como um obstáculo a ser vencido pelas mulheres que buscam um nivelamento de direitos, deveres e espaço.

Em relação a problemática feminina, a ocupação de determinados espaços, realiza quase sempre por homens ou por uma quantidade mínima de mulheres marca o processo no qual se desenvolvem as relações de gênero. No final do século XX surgem sinais de uma ruptura na situação de ausência total ou parcial das mulheres. A 1ª mulher que teve a oportunidade de comandar em ônibus espacial foi no início de 1995, uma mulher na liderança da diplomacia norte americana só foi possível em 1996, a primeira mulher a presidir a Academia Brasileira de Letras foi em 1996, enfim existem outros exemplos de liderança feminina que sinalizam o início da inserção tardia da mulheres em redutos masculinos.

Até hoje algumas profissões são vistas como exclusivamente masculinas, mas as mulheres estão conquistando seus devidos lugares em oficinas, postos de gasolina, direção de empresas, academias militares, enfim não existe nada que uma mulher não possa fazer tão bem quanto um homem.

MARTA SUPLYCY

Outro exemplo considerável e que se encaixa perfeitamente neste trabalho, é a prefeita de São Paulo: Marta Suplicy. Acostumada a quebrar tabus, confessa que foi influenciada por Betty Friedan, papisa no tema feminismo, nos anos 70. Marta que foi criada em família tradicional com o objetivo de ser dona-de-casa e mãe, ela não se limitou apenas a esse objetivo. Se tornou mestre em psicologia e para revolucionar decidiu fazer pós-graduação em sexologia.

Foi pioneira em um programa na Globo “TV Mulher”, nos anos 80, onde falava sobre sexo esclarecia dúvidas que antes nunca foram sequer pensadas pelos homens e mulheres. Conquistou o carisma do público e se tornou mais do que mulher de político. Hoje é uma prefeita admirada e respeitada por muitos e responsável pela administração de uma

das maiores cidades do mundo. Comprovação de que a mulher inserida na cúpula do poder político é perfeitamente capaz.

CONCLUSÃO

A inserção feminina no ambiente político formal ainda é difícil, o gênero masculino predomina de forma bem visível e para chegarmos a uma igualdade mulher a homem no poder existe uma longa jornada, mas com o perfil multifacetado de dona-de-casa, profissional, administradora e além de tudo mulher, terá que ultrapassar barreiras rumo às conquistas necessárias. A paridade não é imediata teremos que aguardar, mas se a mulher continuar conquistando seu espaço no mercado de trabalho com vêm ocorrendo este prazo tem a possibilidade de encurtar-se.

Há uma busca por uma situação de equidade de gêneros na representação política que não pode ser pensada sem considerarmos sua relação com o chamado espaço da reprodução, o qual tem sido historicamente obstáculo à participação feminina em diferentes espaços e profissões.

Concluimos que a participação feminina se torna mais efetiva a cada eleição e que a mulher cada vez mais é consciente de seus valores e qualidades tornando-se assim capaz de liderar e administrar com êxito qualquer cargo ocupado pelo sexo oposto.

BIBLIOGRAFIA

Avelar, Lúcia Mercês de – *Mulheres na elite política brasileira, canais de acesso ao poder*, São Paulo, Fundação Konrad, Adenauer Stiftung, 1996.

Cardoso, Rodrigo. *Coerência a qualquer custo*, Disponível em: http://www.terra.com.br/istoegente/195/reportagem/especial_20m_marta_s.htm

Lobos, Julio. *A profissional Mulher: reconhecimento e crítica*, Disponível em: <http://www.juliolobos.com.br/pesquisa-questoes.htm>
Acesso em 10/04/2003 às 19:20 hs

Suplicy, Marta, *IV Conferência mundial da mulher*, Brasília: Câmara dos Deputados – Centro de Documentação e Informação de Publicações, 1995.

Tabak, Fanny. *A mulher brasileira no Congresso Nacional*, Brasília, Câmara dos deputados – Prêmio Poder Legislativo, 1989.

Women in Parliaments: 1945-1995 – A World Statistical Survey, Inter-Parliamentary Union, Geneva, 1995.

Woolf, Virginia, *Um teto todo seu*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985